

atribuir ao diabo, exclusivamente ao diabo, as comunicações espirituais.

Dando de barato que o diabo fôsse uma entidade real, uma personalidade e não um mito alegórico, seria blasfêmia supôr que Deus consentisse numa influência maléfica sôbre as criaturas e lhes recusasse a influência benéfica dos Espíritos de luz.

Não existindo entre o homem e os Espíritos outra comunicação que não seja a diabólica, de que servem as orações aos santos, tão recomendadas na igreja?

Era o diabo o Espírito que inspirava os profetas — que punha em movimento a pena de Isaias (1) — que enviou João a batizar em água (2), dizendo-lhe como reconheceria a Jesus?

É o Espírito maligno que Jesus promete (3) aos que em espírito pedirem ao Pai?

Foi demônio o Espírito que saudou a Maria, e o que falou pela boca de Estevão (4), e o que conversou com Pedro e com o centurião Cornélio (5), e o que inspirou a Agabo? (6).

Referindo-se Paulo, o Apóstolo dos gentios, às comunicações do Espírito (7), em sua carta aos filipenses, aludiu porventura a comunicações infernais?

“Caríssimos, disse S. João, em sua primeira carta (8), não acrediteis em todo o Espírito, mas verificai se são de Deus”; formal confirmação da possibilidade e realidade da comunicação recíproca dos Espíritos, em seus diversos gráus, com os homens.

(1) Isaias, VII, 1.

(2) S. João, I, 33.

(3) Lucas, XI, 13.

(4) Atos dos Ap., VI, 9 e 10.

(5) Atos, X, 19 e 22.

(6) Atos, XI, 28.

(7) Cap. II, 1.

(8) Cap. IV, 1.

A comunicação espirita foi e continua a ser um fato constante, atestado pelas Escrituras e por milhares de homens de todos os tempos e de todos os países.

Como se verifica esta comunicação? Ignoramô-lo; esta ignorância, porém, não destrói o fato.

E ignoramô-lo, porque desconhecemos a natureza do corpo espiritual de que fala S. Paulo em sua própria ignorância, porém, não destrói o fato.

Se a comunicação espirita fôsse, como crêm os materialistas, resultado de uma alucinação, que não se explica sendo tão geral, ainda assim veríamos nela a ação providencial da Divindade; pois que só pôde ser de origem divina uma alucinação que eleva as almas pelo cumprimento do dever.

XXI

Fé cega e fé raciocinada. Conformidade do Espiritismo com o Cristianismo. Os tormentos da dúvida.

O nosso credo.

Começámos os nossos estudos de Espiritismo com a resolução de abandoná-los se, no caminho de nossas investigações teórico-práticas, surgisse algum princípio oposto á moral evangélica, baluarte inabalável de nossas crenças religiosas.

Envoltas no tenebroso turbilhão que nasce da discordância da fé com a razão, quizemos arrancar a túnica envenenada da dúvida e procurar a paz dos corações crentes; mas isto sem sairmos dos limites do Evangelho, monumento imperecível da verdade revelada.

E qual foi o resultado — qual o fruto colhido na excursão realizada?

O presente trabalho responde claramente.

(2) Cap. XV, 44.

Renunciámos completamente á fé que não pôde suportar o peso da investigação — e colhêmos, em compensação, profundas convicções e a confiança que inspira a certeza de se haverem encontrado os traços da verdade.

Somos fracos — somos fáceis ás seduções da carne e do orgulho; porém não podemos deixar de confessar que o Espiritismo é um regulador eficaz dos costumes e um poderoso incentivo a todos os bons sentimentos.

Não se opõem, não, as doutrinas espíritas á moral pregada pelo Filho do Carpinteiro; antes vêm oferecê-la em toda a sua pureza, e limpa das inovações humanas que a têm desnaturalado e corrompido.

Registrando as prédicas de Jesus e dos Apóstolos, capítulo por capítulo, versículo por versículo, vimos nelas claramente sua perfeita concordância com todos os fundamentos do Espiritismo — e não menos clara discordância com grande número de dogmas do papado.

Nesta alternativa, a quem devemos seguir: ao papa ou a Jesus? Aos bispos do século ou aos Apóstolos das primeiras éras?

Deveremos seguir a Roma que condenou, ou a Jesus que não veiu condenar, mas salvar? (1).

A escolha é fácil. Sem vacilação, nos acolhemos á bandeira do Cristo e, á sua sombra, aguardaremos o cumprimento das divinas promessas: céus novos e terra nova onde domine a justiça (2).

Abraçados a ela, arrostaremos as provações, os insultos, as injurias, as ameaças, os ódios, e as perseguições, pedindo, a quem nos há de julgar a todos, tesouros de caridade e de amor para saber perdoar aos próprios inimigos.

Porque nos odiarem e nos perseguirem? Somos, por-

(1) S. Lucas, IX, 56.

(2) S. Pedro, Epístola II, III, 13.

ventura, responsáveis por adquirirmos convicções, pedindo a Deus luz e proteção? Erguemos, acaso, algum pendão de exterminio?

Se não quiserdes vir conosco inspirar-vos em sentimentos cristãos, não nos persigais; pois que, se o Espiritismo é invenção humana, por si mesmo sucumbirá — e, se divina é sua origem, em vão tentareis pôr díques á corrente invasora da vontade de Deus.

Somos espíritas em Cristo, e os nossos deveres em Cristo são a прédica da verdade e a prática do amor.

Em cumprimento dêsse dever, para nós sagrado, vamos hoje dizer a nossos irmãos que nos lerem: não ridiculariseis — não repudieis o Espiritismo sem estudá-lo; não desprezeis a nova revelação que baixa das alturas, e nela descobrireis o remédio para vossos males e para as enfermidades que corroem as entranhas da sociedade moderna.

Vinde conosco, vos pedimos — e pedimô-lo, porque sois nossos irmãos e queremos vosso bem e vossa felicidade.

Vinde, os despreocupados, que não encontrareis em nós superstições ridículas. Vinde, os católicos sinceros, que o demônio não pousa onde reinam a caridade e a adoração ao Sér Supremo. Vinde os materialistas, pois, se procurais de boa fé as provas do vosso êrro, provas tereis com que encher o vácuo em que miseravelmente vos revolveis.

Quão longos, tristes e negros, são os dias em que se apodera da alma a dúvida, e a fustigam, e a torturam com a ameaça de um futuro que se some na pavorosa confusão do *nada*!

Os sentimentos — a vontade — a consciência — o juízo — todas as fôrças vivas do espírito, se sublevam, sentem horror ao vácuo — á negação — e buscam, na Terra, no espaço, no céu, onde quer que vêem brilhar

uma chispa luminosa, a afirmação do seu sér e da sua imortalidade.

Consulta, então, o homem a seus semelhantes; mas onde achar uma autoridade infalivel?

Inquire á ciéncia — pergunta á religião; porém estas se destroem; e tal confusão aumenta as dúvidas do espírito.

Ás noites de insônia sucedem os dias de anciadade, a saúde se quebranta, foge a paz do coração, e perde-se, por fim, a ditosa atividade do bem, que necessita do estímulo da esperança e do incentivo da fé.

Também nós, pouco mais pouco menos, temos passado por essas fases do espírito — por estes Silas e Caribdes da dúvida e do temor.

Por isso mesmo, e porque temos experimentado as suaves doçuras que penetram na alma com as doutrinas que o Espiritismo professa, chamamos para nós os enfermos — os que carregam a cruz do infortúnio — os que correm desorientados em busca das verdades psicológicas — as frágeis barquinhas humanas, que se sentem impotentes para resistir aos temporais da vida.

Mas, afim de que os que queiram vir, saibam de autemão e com ciéncia certa para onde vão, expôr-lhe-emos, com precisão, o nosso credo, que não teme a luz, mas que, pelo contrário, a procura e deseja.

Talvez em breve todos os espíritos se vejam na necessidade de fazer outro tanto, para desmascararem os falsos crentes, que se cobrem de aparências com o intuito de semear a discórdia, a sizania, e minar o puro Cristianismo que ora se levanta sóbre as ruínas do cristianismo dos papas.

Eis a expressão da nossa fé:

Crêmos em Deus, único onipotente, oniciente, infinito em perfeições, causa do universo.

Crêmos na existéncia e imortalidade da alma espi-

ritual — e em sua perfectibilidade progressiva pelos merecimentos.

Crêmos nas recompensas e expiações dos Espíritos, em justíssima proporção com a bondade ou a maldade de seus atos livremente realizados.

Crêmos na pluralidade de mundos habitados e na pluralidade de existéncias, como expressão, a primeira, da sabedoria de Deus — e como meio, a segunda, de purificação das almas e de reparação das faltas cometidas.

Crêmos na salvação final de todo o gênero humano.

Crêmos na divindade da missão de Jesus Cristo — e na redenção dos homens pelo cumprimento dos preceitos evangélicos.

Nossa moral é a caridade; *nossa religião*, o Evangelho — *nossa mestre*, Jesus Cristo.

Crêmos, com Jesus que toda a lei e os profetas se reduzem ao amor de Deus e ao amor de nossos semelhantes.

Crêmos, finalmente, na comunicação espiritual, necessária ao progresso da humanidade — e prova da soberana Providência, que vela incessantemente pela fraqueza dos homens.